

**CONDIÇÕES DE EXERCÍCIO DOCENTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS
RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NA ESCOLA**

**CONDITIONS OF EXERCISE TEACHER: CONSIDERATIONS ON THE
RELATIONSHIP BETWEEN TEACHERS AND STUDENTS SET UP IN SCHOOL**

Marieta Gouvêa de Oliveira Penna¹

marieta.penna@yahoo.com.br

RESUMO. Este artigo propõe discussão sobre aspectos das condições objetivas de trabalho dos professores, no que diz respeito às relações estabelecidas pelos docentes com seus alunos. As análises realizadas partem de compreensão da escola como produtora de cultura específica e da prática docente como expressão dessa cultura. O argumento sustentado aqui é o de que para se compreender as práticas docentes, faz-se necessário percebê-las inseridas na cultura escolar e seus modos de socialização, que são históricos, além da análise das condições objetivas de sua efetivação.

Palavras chave: Docência; Cultura escolar; Práticas docentes.

ABSTRACT. This article proposes discussion on aspects of the objective conditions of employment of teachers, with regard to relations established by teachers with students. The analysis carried out starting from understanding the school as a producer of specific culture and practice of teaching as an expression of that culture. The sustained argument here is that to understand the teaching practices, it is necessary to understand them into the school culture and their modes of socialization, which are historical, as well as the objective conditions for its realization.

Keywords: Teaching, school culture, teaching practices.

A temática aqui tratada é o exercício docente nas primeiras séries do ensino fundamental em escolas públicas, em dimensão sociológica. O objetivo é discutir aspectos das condições objetivas de trabalho dos professores, no que diz respeito a facetas das relações estabelecidas pelos docentes com seus alunos, em decorrência do desenrolar da ação educativa no interior da escola. A pesquisa foi realizada por meio de questionário respondido por 16 professores de primeira à quarta-série do ensino fundamental em escolas públicas estaduais da cidade de São Paulo.

¹ Financiamento CNPq.

As análises realizadas partem de compreensão da escola como produtora de cultura específica, de acordo com o conceito de cultura escolar formulado por Julia (2001). Partem também da compreensão da prática docente tal qual expressa por Gimeno Sacristán (1999), para quem essa prática está inserida na cultura escolar, em que a racionalidade individual é expressão de determinantes mais amplos. O professor, ao se socializar para e no exercício da função docente, encontra-se imerso na cultura escolar, suas regras e procedimentos, que dizem respeito à função da escola em determinado contexto histórico e social.

A desvalorização social da docência: condições objetivas de trabalho do professor

Ao se pôr em discussão as condições de trabalho de professores na atualidade, é relevante atentar para o valor social atribuído à docência. Discussões sobre sua desvalorização social permanecem atuais e, como afirma Gimeno Sacristán (2002), a tendência que se verifica não é a de sua valorização. Esteve (1995), ao tratar do que denomina mal-estar que se abate sobre os professores no final do século XX, aponta fatores como o aumento das exigências em relação ao professor; a inibição educativa de outros agentes institucionais (como a família); o desenvolvimento de fontes de informação alternativas; a ruptura do consenso social sobre educação; a modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo; a desvalorização social do professor; alteração dos conteúdos curriculares; escassez de recursos materiais; mudanças na relação professor/ aluno; fragmentação do trabalho do professor. De fato, inúmeros fatores contribuem para explicitar o mal-estar que se abate sobre os docentes, que revelam e ao mesmo tempo provocam a não valorização social dessa função.

Na atualidade, inúmeras pesquisas têm por objetivo compreender a desvalorização do exercício docente. Cabe considerar, no entanto, que essa desvalorização é histórica, e se apresenta par e passo ao processo de institucionalização da função². Além de historicamente não se constituir como função de prestígio social, os problemas enfrentados pelos professores se acentuam na

² Alguns estudos dão a ver os problemas enfrentados pelos professores no início do século XX, entre os quais podemos citar Catani (1989), Bittencourt (1990), Souto (2005).

atualidade, especialmente os relacionados às péssimas condições de trabalho às quais se encontram submetidos. Some-se a isso o fato de o professor enfrentar problemas com relação ao reconhecimento de sua autoridade frente a pais e alunos, o que se expressa ao deixar de ser referência na comunidade, além de ver aumentar questões referentes à disciplina na sala de aula. O professor passou a ser alvo de críticas, vindas dos mais variados setores da sociedade. Ao mesmo tempo em que o professor se percebe como desprestigiado socialmente, suas condições concretas de trabalho são deterioradas. Em diferentes momentos da história da educação no Brasil são apontadas reformas educacionais que favoreceram a fragilização do trabalho docente (NAJAR, 1982; PIRES, 1994; WEBER, 2000, entre outros). Ser professor na escola pública implica experiência desgastante devido à constante espoliação de suas condições concretas de trabalho, relacionadas aos baixos salários; carência de recursos materiais; número excessivo de alunos por classe; deficiências na formação inicial e continuada; sistema de ensino burocrático e centralizador, entre outras.

Essas pesquisas apontam a desvalorização social da função docente como questão política, uma vez que investir em educação não é prioridade para os governos, em que as precárias condições de trabalhos às quais os professores encontram-se submetidos expressam descaso com a educação.

Essas condições adversas de trabalho, às quais os professores encontram-se submetidos, acabam por influenciar na forma como se vêem e são vistos socialmente, em que a escola desponta como ambiente adverso e desfavorável, proporcionando desencanto e insatisfação³. Nesse sentido, a desvalorização do trabalho do professor é percebida pelos agentes que dela se ocupam em decorrência das condições concretas de trabalho a que se encontram submetidos, ao mesmo tempo em que essa percepção é produzida e reproduzida socialmente, na forma de representações sociais.⁴

Exercício docente e ascensão social

³ Sobre as condições adversas de trabalho dos professores ver, entre outros, Ribeiro (1994); Xavier (1994); Giovanni (2001); Lapo & Bueno (2003).

⁴ Sobre a questão da produção e reprodução de representações e percepções relacionadas ao valor social da docência ver, entre outros, Therrien (1996) e Pereira & Andrade (2005).

Outro aspecto importante a se considerar ao se discutir as condições de trabalho do professor e as relações estabelecidas entre professores e alunos na escola é o fato de que, para além da desvalorização social e política da função docente, exercê-la, para a maioria dos professores, significa a possibilidade de mobilidade social e melhoria nas suas condições de vida, em comparação à sua família de origem.

Pesquisa realizada pelo MEC em parceria com a Unesco (BRASIL, 2004) destacou que 53,4% dos professores no Brasil pertencem à classe média baixa e 33,6% à classe média, de acordo com classificação elaborada pelos próprios professores. Destacou também que para 64,4% dos professores, a situação em que vivem na atualidade é melhor que a desfrutada em suas famílias de origem. No total, 21% se consideram em situação igual, e 14,6% em situação pior que a de seus pais. Assim tem-se que o exercício docente possibilitou mobilidade social em relação a suas famílias de origem.

Assim, além de os posicionar como pertencentes à classe média, para os professores o exercício docente tem significado possibilidade de ascensão social, uma vez que grande parte do professorado origina-se das camadas populares, o que atestam diferentes estudos, dentre os quais se destacam os de Pereira (1969) e Gouveia (1970), realizados na década de 1960, de Novaes (1984) realizado no final dos anos de 1970, os de Mello (2003) e Pessanha (1992), realizados na década de 1980; ou os de Gatti, Espósito e Silva (1998) e Silva, Davis e Esposito (1998), da década de 1990, entre outros. Os dados coletados para esta pesquisa também evidenciam os professores como originários das camadas populares.

Essa condição objetiva da função docente, que permite posicionar aqueles que a ela se dedicam em fração da classe média, confere distinção simbólica aos professores, trazendo conseqüências para a maneira como se vêem e são vistos socialmente. São questões importantes para se compreender a forma como os professores se percebem como grupo, bem como para se compreender o valor que atribuem ao exercício dessa função. Para as docentes que fizeram parte desta pesquisa, o fato de se tornarem professores foi motivo de orgulho para seus pais e familiares. Além disso, todos pretendiam continuar na profissão, e gostavam de ser professores.

Exercício docente e relações estabelecidas no cotidiano escolar

A desvalorização social do professor se destaca em pesquisas realizadas, e se concretiza em seu exercício cotidiano, além de se expressar socialmente, e diz respeito às condições objetivas de trabalho desses profissionais. No entanto, se considerarmos o exercício docente da perspectiva dos professores, como se viu, ele significa valor, uma vez que representa possibilidade de melhoria nas suas condições de vida.

Para além dessas questões, que por certo são relevantes, uma vez que contribuem para se compreender como os professores se vêem, são vistos e se posicionam socialmente, ao se discutir as condições objetivas de trabalho dos professores, há que se levar em consideração a forma como o exercício dessa função se constitui em seu cotidiano, e como os professores percebem as relações estabelecidas para sua efetivação.

Em decorrência de especificidades que lhe são intrínsecas, o exercício docente se constitui de determinadas formas, marcando os que dele se ocupam em sua maneira de ser e se portar. A análise da dinâmica social relacionada à docência é fundamental para a compreensão da função social da escola e da função de professor na atualidade. Para tanto, se faz necessário estabelecer discussão sobre o que socialmente espera-se ver realizado na escola. Na atualidade, ainda que sob nova roupagem, mais individualista, a freqüência à escola permanece associada à idéia de promoção da cidadania, em que a expansão da escolarização e o acesso de todos à escola são considerados fundamentais no processo de democratização da sociedade. A função social da escola se caracteriza, entre outras questões, pela necessidade de promover a educação dos membros imaturos das novas gerações.

A ação docente, ao ter por centralidade o ato de ensinar elementos da cultura considerados socialmente relevantes, responde por parcela da atividade educacional desenvolvida sobre as novas gerações. Para Pimenta (2002), a docência, por ser histórica e dizer respeito ao produto do trabalho de seres humanos atuando sobre outros seres humanos, deve responder aos desafios e demandas apontados por diferentes contextos sociais e políticos. Segundo a autora, "a educação retrata e reproduz a sociedade; mas projeta a sociedade que se quer. Por isso, vincula-se profundamente ao processo civilizatório e humano" (p.38). A especificidade do

trabalho docente diz respeito às finalidades educativas presentes no discurso de se preparar as novas gerações para a vida adulta e para o acesso à cidadania. De seu exercício decorre, portanto, determinadas formas de ser e agir expressas no agente que o exerce, relacionada a essas expectativas, que são socialmente determinadas, bem como à adequação de suas ações à realidade objetiva à qual está submetido. Essa especificidade do exercício docente vai influenciar na constituição da visão de mundo dos professores, em que a relação e contraste produzidos entre o docente e seus alunos, nas atividades desenvolvidas na sala de aula, tornam-se fundamentais. O contato com alunos com o objetivo de formá-los é o cerne das atividades do professor, contribuindo de forma decisiva para a imagem que formula de si.

Além das questões acima destacadas, importa considerar as relações estabelecidas na escola como expressão de cultura historicamente instituída, e relacionadas à forma escolar de socialização. Nesse sentido, a relação estabelecida entre o professor e os alunos é permeada pela regra geral, impessoal, vinculada a normatização das práticas que ocorrem em seu interior (VINCENT, LAHIRE e THIN, 2001). De acordo com Julia (2001), as práticas e normas realizadas na escola compõem a cultura escolar e dizem respeito ao seu funcionamento interno, cujas finalidades variam historicamente. A função de professor está inserida na forma escolar de socialização e sua lógica específica de funcionamento.

A função básica da escola é o ensino das novas gerações, realizado pela transmissão de conteúdos escolares aos alunos segundo regras que lhe são próprias, e o professor é o responsável por sua efetivação na sala de aula. Ao se ocupar do ensino, a escola socializa professores e alunos, e a investigação da forma como os professores percebem e realizam o ensino na escola, bem como da forma como os professores percebem o lugar por eles ocupado e o que é essencial ao desempenho de sua função, pode contribuir para a compreensão das pautas de racionalidade presentes na instituição escolar.

As professoras investigadas

Alguns aspectos que auxiliam na especificação das professoras investigadas são aqui apresentados: sexo, formação e situação funcional, com o objetivo de Todos os professores que participaram desta pesquisa eram mulheres. Na

atualidade, dentre os professores brasileiros, 81,3% são mulheres, com predominância nos segmentos iniciais da escolarização (BRASIL, 2004). A análise do exercício docente em perspectiva sociológica comporta necessariamente a questão de gênero, especialmente no que se refere às primeiras séries da escolarização fundamental que, em função de determinações sociais, estabeleceu-se como função feminina. Representações sobre a mulher professora circulam na sociedade e lhe conferem sentido, desempenhando papel ativo, sempre relacionadas a relações de poder. A docência, além de ser exercida em sua maioria por pessoas do sexo feminino, foi associada a características referentes à feminilidade⁵. Essas questões são relevantes para o que aqui se quer discutir, uma vez que características socialmente tidas como femininas marcam as qualidades necessárias a um bom professor, como se verá adiante.

Com relação à formação das professoras que participaram desta pesquisa, tem-se que todas realizaram formação no magistério em nível médio em instituições públicas. Ao se considerar a formação obtida em nível superior, nove das 16 professoras questionadas possuíam formação em pedagogia, duas em letras, quatro estavam cursando pedagogia quando da realização da pesquisa e somente uma dentre elas possuía por formação apenas o nível médio, conforme informações dispostas na Tabela 1:

Tabela 1: Distribuição das professoras quanto à formação

<i>Formação</i>	<i>Nº respostas</i>
Só Magistério	1
Pedagogia	9
Letras	2
Faz pedagogia	4
Total	16

Fonte: Dados da autora

Questões relacionadas à formação também são relevantes, uma vez que podem auxiliar na compreensão de aspectos relacionados ao que as professoras destacaram como mais relevante em sua atuação, ou mesmo às dificuldades por elas enfrentadas em seu cotidiano, apresentadas a seguir.

⁵ Sobre docência e gênero ver, entre outros, Apple (1995); Carvalho (1999); Louro (1997).

Com relação à situação funcional das docentes, duas trabalhavam como professora eventual, cobrindo ausências nas escolas quando ocorriam. Das 14 professoras restantes, metade delas era concursada, e metade trabalhava como professora Ocupante de Função Atividade (OFA), o que demonstra instabilidade funcional e depreciação de suas condições de trabalho, uma vez que todo início de ano elas devem se sujeitar à nova atribuição de aulas.

Alguns aspectos da relação estabelecida entre professores e alunos na escola

Ao tratar das relações estabelecidas entre professores e alunos na escola, em alguns de seus aspectos, o objetivo desta comunicação é destacar a forma como os professores vivenciam essa relação, o que concorre para influenciar na configuração das práticas por eles estabelecidas ao desempenharem a docência. Nesse sentido, as informações obtidas com os professores e que auxiliam na compreensão das relações estabelecidas entre eles e seus alunos foram destacadas, com o objetivo de evidenciar alguns aspectos da maneira como os professores percebem o exercício de sua função, para assim melhor se compreender as relações estabelecidas com seus alunos.

Essas relações, entre outras questões, dizem respeito às condições objetivas de trabalho às quais os professores encontram-se submetidos, e que podem ser compreendidas ao se investigar o que para eles se apresenta como dificuldade em seu dia-a-dia. Ao se interrogar as professoras sobre as dificuldades enfrentadas em seu cotidiano, as precárias condições objetivas às quais estavam submetidas se destacaram, conforme indica a Tabela 2:

Tabela 2: Distribuição das dificuldades relacionados à função de professor

	<i>N.respostas</i>
Condições de trabalho	10
Sentimento de solidão	2
Desvalorização função	2
Falta apoio dos pais	1
Não respondeu	1

Fonte: Dados da autora

Inúmeras pesquisas apontam que as condições de trabalho dos professores não são as melhores. Essas dificuldades se expressam, por exemplo, nos baixos salários, na falta de material pedagógico, no excesso de alunos por turma, em deficiências em sua formação, entre outras. Com o objetivo de aprofundar compreensão sobre o que se passa no cotidiano escolar, foi perguntado às professoras se elas gostavam de exercer a docência, e todas responderam que sim. Ao serem solicitadas a explicar a resposta dada, em questão aberta, tem-se o seguinte resultado, disposto na Tabela 3:

Tabela 3: Distribuição dos motivos pelos quais referiram gostar de ser professoras

	<i>Nº respostas</i>
Ver aluno aprender	6
É o objetivo da vida	3
Ajudar os alunos	2
Contato com crianças	2
Gosta de estudar	1
Contribuir sociedade	1
Não respondeu	1

Fonte: Dados da autora

Assim, ao se somar as respostas que dizem respeito ao relacionamento estabelecido com os alunos, temos: ver o aluno aprender (com seis incidências); ajudar os alunos (com duas incidências); contato com as crianças (com duas incidências). Ou seja, das 16 respostas sobre os motivos pelos quais as professoras gostam de exercer a docência, 12 estão diretamente relacionadas ao contato estabelecido com seus alunos, cerne do seu trabalho. Em questão aberta e com possibilidade de mais de uma resposta, ao serem interrogadas sobre qual era sua maior fonte de satisfação, o contato estabelecido com os alunos se destacou:

Tabela 4: Distribuição das professoras quanto ao que confere prazer no exercício da função docente

	<i>N. respostas</i>
Ver aluno aprender	11
Contato com os alunos	5

Contato com colegas	2
Não respondeu	1

Fonte: Dados da autora

De acordo com as repostas obtidas, observar o aprendizado dos alunos destacou-se como a principal fonte de prazer das professoras. Essa questão pôde ser confirmada ao se interrogar as docentes sobre algum episódio positivo por elas vivenciado no desempenho de sua função, conforme indicam as informações dispostas na Tabela 5:

Tabela 5: Distribuição das professoras quanto a episódio positivo vivido no desempenho da função docente

	<i>N. repostas</i>
Ex-aluno com sucesso	5
Interesse/ carinho aluno	4
Reconhecimento pais	3
Utilizar novo método	2
Amizade com colegas	1
Não respondeu	1

Fonte: Dados da autora

De acordo com as respostas obtidas em relação aos episódios positivos vividos pelas professoras ao longo de suas carreiras, tem-se que esses episódios diziam respeito a: observar ex-aluno que obteve sucesso (com cinco incidências); perceber interesse e carinho por parte de seus alunos (com quatro incidências); obter reconhecimento dos pais (com quatro incidências). As respostas dadas a essas questões permitem apontar que as relações estabelecidas na escola entre os professores e seus alunos são fundamentais para se compreender as condições efetivas de realização da docência. Se para as professoras o que mais lhes confere prazer no exercício docente é observar o aprendizado de seus alunos, importa questionar o que é importante ensinar aos alunos. Ao se interrogar as professoras sobre qual é a tarefa básica a ser desenvolvida pelo professor, obteve-se as seguintes respostas, em questão de múltipla escolha e com possibilidade de mais de uma resposta:

Tabela 6: Distribuição das professoras quanto à tarefa básica do professor do primeiro segmento do Ensino Fundamental

	<i>N. respostas</i>
Desenvolver espírito crítico	12
Ensinar a aprender	12
Ensinar valores morais	6
Ensinar conteúdos	3
Politizar aluno	1

Fonte: Dados da autora

As respostas obtidas a essa questão permitem apontar que mais importante que ensinar conteúdos (três incidências), é desenvolver o espírito crítico (12 incidências); ensinar a aprender (também com 12 incidências); e ensinar valores morais (seis incidências). Vale destacar que a pesquisa realizada pela Unesco (BRASIL, 2004) chegou a resultados semelhantes, em que as percepções dos professores brasileiros com relação às finalidades da educação apontaram para “uma acentuada preocupação com a formação de virtudes e valores nos estudantes” (p.109). De qualquer forma, as respostas obtidas auxiliam na compreensão do que, para os professores, significa a essência de seu trabalho, ou seja, a relação formativa estabelecida com seus alunos, para o que importa mais o ensino de valores que o de conteúdos relacionados às disciplinas escolares como Português ou Matemática. Essas questões são relevantes, pois incidem nas práticas efetivadas, na maneira como os professores se vêem, e naquilo que consideram importante para a prática de um bom professor. Esse aspecto da prática docente efetivada nas salas de aula pode ser verificado ao analisarmos as respostas obtidas das professoras ao serem interrogadas sobre o que consideravam um bom professor, conforme disposto na Tabela 7:

Tabela 7: Distribuição das professoras quanto ao que é considerado bom professor

	<i>N. respostas</i>
Auxiliar alunos	8
Gostar do que faz	5
Se atualizar	5
Ter consciência	1

Fonte: Dados da autora

Obs: Questão aberta, com possibilidade de mais de uma resposta.

Assim, em 18 respostas, apenas cinco se relacionavam à necessidade do professor se atualizar, e nenhuma delas mencionou aspectos técnicos do trabalho como, por exemplo, possuir uma boa formação, saber alfabetizar, entre outras questões. Para elas, bom professor é aquele que auxilia os alunos e gosta do que faz. Esse tipo de compreensão da docência, relacionado mais às qualidades morais e pessoais das professoras que aos aspectos técnicos da função docente foi destacado por Mello (2003). De acordo com a autora, a desconsideração das competências técnicas necessárias ao exercício docente e a valorização de aspectos como paciência e carinho, atributos socialmente considerados femininos, contribui para a desvalorização social da função.

Ao serem interrogadas sobre o que consideravam necessário para ser professor, possuir vocação foi a opção que mais se destacou, seguida de possuir formação adequada, conforme disposto na Tabela 8:

Tabela 8: Distribuição das professoras quanto ao que é necessário para ser professor

	<i>Nº respostas</i>
Vocação	13
Formação adequada	12
Paciência	11
Amor	2
Equilíbrio	1

Fonte: Dados da autora

Obs: Questão de múltipla escolha, com possibilidade de mais de uma resposta.

Ao se somar as incidências relacionadas a características pessoais das professoras, no entanto, obtém-se um total de 27 incidências, em contraposição a 12 incidências sobre a necessidade de se possuir uma boa formação. Novamente os aspectos técnicos relacionados ao exercício docente são relegados a um segundo plano, em favor de qualidades pessoais e associadas ao que socialmente se considera atributo feminino.

Ao mesmo tempo em que os alunos são a principal fonte de prazer no exercício da função docente, são eles também quem propiciam aos professores suas maiores dificuldades. Assim, ao serem interrogadas sobre o que para elas se punha como

dificuldade ao exercerem a docência obteve-se as seguintes informações, dispostas na Tabela 9:

Tabela 9: Distribuição das professoras quanto ao que consideram como o principal problema enfrentado pela educação hoje

	<i>Nº respostas</i>
Indisciplina/ descaso alunos	16
Falta colaboração família	13
Descaso do governo	9
Má formação professores	8
Falta investimento	2
Muito aluno/ sala	1

Fonte: Dados da autora

Obs: Questão aberta, com possibilidade de mais de uma resposta.

Conforme disposto na Tabela 9, a indisciplina dos alunos é o principal problema enfrentado pelas professoras, seguido da falta de colaboração das famílias. A má formação docente foi considerada um problema apenas para a metade das professoras interrogadas. Ao serem questionadas sobre os motivos da indisciplina dos alunos, as professoras responderam ser: as famílias dos alunos, que são desestruturadas (13 incidências); questões sociais (12 incidências); a falta de pulso firme dos professores (três incidências), em questão de múltipla escolha e com possibilidade de mais de uma resposta. Assim, a maioria das professoras culpa os alunos e seus pais pelos problemas que enfrentam na escola, ou seja, esses problemas decorrem dos agentes com quem estabelecem relações sociais no contexto escolar para a condução de seu trabalho.

Algumas considerações

Ao se tratar das condições de trabalho dos professores, a questão da desvalorização social do exercício docente se destaca. No entanto, diferentes estudos apontam que para o professor exercer a docência significa valor, indicando a necessidade de se compreender de forma mais aprofundada o que para o professor significa exercer a docência. Ao se investigar a escola por dentro, buscando-se compreender o que pensam e fazem os agentes envolvidos nas

práticas desencadeadas em seu interior, amplia-se a possibilidade de seu entendimento. Nesse sentido, as práticas docentes expressam e ao mesmo tempo constituem a cultura escolar, e são incorporadas no exercício da função. Além disso, exercer a docência diz respeito a possuir determinada visão de mundo, que se expressa nas práticas dos professores. Como se viu, na atualidade a escolarização permanece atrelada à idéia de promoção da cidadania. Além disso, a escola foi constituída com o objetivo de formar as novas gerações, e essa especificidade do exercício docente vai influenciar na constituição da visão de mundo dos professores. Ser professor implica assumir determinadas formas de ser e agir, relacionadas às expectativas depositadas na escola, que são socialmente determinadas, bem como à adequação de suas ações à realidade objetiva à qual está submetido.

O professor mobiliza saberes adquiridos pela experiência, por processos de formação e pelo contato com os colegas, valendo-se de esquemas práticos para conduzir sua ação, e grande parte dessa prática é produzida no contexto escolar, contribuindo para sua reprodução. Esses esquemas práticos, por se encontrarem enraizados na cultura escolar, fazem com que os professores se assemelhem. De acordo com os resultados desta pesquisa, para as professoras do primeiro segmento do ensino fundamental em escolas públicas, a relação estabelecida com os alunos é a principal fonte de satisfação em seu trabalho, e esse contato objetiva especialmente moralizar e educar essas crianças. O argumento sustentado aqui é o de que para se compreender as práticas docentes, faz-se necessário percebê-las inseridas na cultura escolar e seus modos de socialização, que são históricos, além da análise das condições objetivas de sua efetivação. Além das condições objetivas de trabalho, que são precárias, importa compreender as relações que os professores estabelecem na escola ao exercerem a docência, bem como o significado a elas atribuído pelos professores, fundamentais para se compreender o valor social atribuído à função de professor.

MARIETA GOUVÊA DE OLIVEIRA PENNA

Possui Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade de São Paulo (1985), Mestrado em Educação: Ciências Sociais (2003) e Doutorado em Educação: Ciências Sociais (2007), ambos realizados no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, da Pontifícia Universidade Católica de

São Paulo. Tem ampla experiência na área de Educação em diferentes âmbitos. Os interesses de pesquisa encontram-se na confluência das áreas de Didática e Sociologia da Educação, incidindo principalmente nos seguintes temas: escola na prisão, monitor-presos, formação de professor, prática pedagógica, cultura escolar, função de professor. Atualmente é Professora Auxiliar de Didática no Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS

APPLE, M. W. Magistério e “trabalho feminino”. In: APPLE, M. W. **Trabalho docente e textos**: Economia política das relações de classe e de gênero em educação. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1995, pp. 53-73.

BITTENCOURT, C. M. F. **Pátria, civilização e trabalho**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

BRASIL/ Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. **O perfil dos professores brasileiros**: o que fazem, o que pensam, o que almejam... Pesquisa Nacional Unesco. São Paulo: Moderna, 2004.

CATANI, D. B. **Educadores à meia-luz**: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

CARVALHO, M. P. **No coração da sala de aula**: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. 2ª edição. Porto: Porto Editora, 1995, pp. 93 - 124.

GIMENO SACRISTÁN, J. **Poderes instáveis em educação**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 1999.

GIOVANNI, Luciana M. Aprendendo sobre a profissão docente com o exercício da liberdade para refletir. In: ALMEIDA, Jane S. (org.) **Estudos sobre a profissão docente**. Araraquara / São Paulo: FCL, Unesp, 2001, pp. 45-74.

_____. Tendências investigativas na formação de professores. In: PIMENTA, Selma G. **Professor reflexivo no Brasil**: gênese de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002, pp. 81-87.

JULIA, D. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 1, pp. 9- 43, jan/ jun 2001.

LAPO, F. R.; BUENO, B. Os Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 65-88, mar. 2003.

LOURO, G. L. Gênero e Magistério: identidade, história, representação. In: CATANI, D. B. et al. (org.). **Docência, Memória e Gênero: Estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997, pp. 77 – 84.

MELLO, G. N. de. **Magistério de 1º Grau: da competência técnica ao compromisso político**. 13ª edição. São Paulo: Cortez, 2003.

NAJAR, J. N. V. **Questão sobre a proletarização docente na cidade do Rio de Janeiro, a partir da fala de antigos professores**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói/ RJ, 1982.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002, pp. 17- 52.

PIRES, Marta M, B. 1994. **O des-valor do professor na manutenção do modelo educacional excludente**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos Avançados, SP.

PEREIRA, Gilson Ricardo de Medeiros; ANDRADE, Maria da Conceição Lima de. Socioanálise de pré-noções no discurso jornalístico sobre educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 128-139, 2005.

RIBEIRO, Maria Luisa S. A Formação Política de Professor de 1º e 2º Graus. São Paulo: Cortez, 1984.

SOUTO, Rosiley T. **Recrutamento e qualificação de professores primários na Instrução Pública paulista (1892 – 1933) – Um estudo das tecnologias de Estado**. Tese de Doutorado, Educação: História, Política, Sociedade, PUC/ SP, 2005.

TERRIEN, J. Os saberes da racionalidade pedagógica na sociedade contemporânea. **Educativa**. UFG, v. 9, p. 67-81, 2006.

VINCENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, nº 33, pp. 7-47, jun/ 2001.

WEBER, S. A desvalorização social do professorado. **Contemporaneidade e Educação**, 2ª impressão, Rio de Janeiro, IEC, ano II, nº 2, pp. 163- 178, dez., 2000.

XAVIER, Maria Luisa M. A condição do professor no Brasil hoje: o caso do Rio Grande do Sul. In: SOARES, Magda, KRAMER, Sônia, LUDKE, Menga, e outros. **Escola básica**. 2ª edição. Campinas, SP: Papyrus (Coletânea C. B. E.), 1994, pp.171 - 182.